

Preço da assignatura

Anno	1\$300 rs.
Semestre	650 "
Trimestre	350 "
Numero avulso	30 "

A correspondencia relativa á administração deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas e a relativa á redacção ao director de A Restauração.

Redacção, Administração e Typographia
Rua de Payo Galvão — Typographia Minerva

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHOLICO

Preço das publicações

Annuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 "
No corpo do jornal	100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam annunciam-se em troca de um exemplar

Editor responsavel

José Maria Nunes Guimarães

A vida catholica em Portugal

E' innegavel que a grandissima maioria do povo portuguez é mais ou menos perfeitamente catholica. Se nem todos acreditam explicitamente quanto a Igreja ensina, ou pelo menos aquillo que é essencial, é por ignorancia, a qual—deve confessar-se—é muito grande. No mais é gente que só por excepção deixa de se desobrigar; gente que, embora por vezes culpada de funesta negligencia, não quer que os seus morram sem sacramentos; gente que a última hora tambem os deseja receber; gente que vai à missa; gente que se apresenta como catholica e não tolera de boa mente que lhe contestem semelhante predicado.

Deve todavia reconhecer-se tambem que, apesar desta immensa maioria de catholicos, a vida pública em Portugal—ha muitas dezenas de annos—é quasi inteiramente atheia ou até abertamente adversa e oppressora dos direitos da religião catholica.

Veja-se a legislação: extingue violentamente as ordens religiosas e impede o seu resurgimento; apodera-se injustamente de todos os bens ecclesiasticos e vai cercando de dia para dia os magros fructos que delles se compromettera a restituir a algumas instituições; sujeita ignominiosamente o clero ás auctoridades civis, sem pelo menos lhe dar a compensação material que em semelhantes circumstancias concederia a outros empregados; lança ousadamente sacrilegos tributos sobre os actos de religião e exercicio das sagradas funcções do sacerdotio; viola impudentemente os accordos com a Santa Sé, que parecem feitos unicamente para haver novos titulos de offensa á auctoridade ecclesiastica; intronete-se absurdamente no governo dos seminarios e na ordenação dos ministros da Igreja; por qualquer pretexto, ou até sem elle, difficulta ou impede as legitimas expansões do culto catholico, ao mesmo tempo que dá intoleravel segurança e liberdade ás setas inimigas da Igreja; em summa, no ensino e na educação, na administração e na politica, em tudo que se refere á vida individual ou collectiva dos cidadãos, ou se norteia por um completo esquecimento da religião ou lhe é manifestamente contrária.

E isto não é obra dum ministerio ou dum parlamento, que illudisse em certo momento as esperanças da nação ou atraioasse o mandado dos eleitores. E' tarefa persistente, constante, ininterrupta, porfiada e tranquilla de quantos ministerios e parlamentos se têm succedido no poder, ha dezenas e dezenas de annos.

E todavia é a nação quem eleje os seus representantes no parlamento, e sam estes (a não ser nestes ultimos annos, em que todos os principios constitucionaes se têm obliterado inteiramente)

quem legisla e quem levanta ou quem derruba ministerios.

Como explicar pois tal continuação de governo e legislação atheia e anti-catholica, quando o verdadeiro factor de governos e legisladores é um povo catholico?

Responde-se ás vezes: é que o systema constitucional e representativo entre nós está viciado e o povo, na realidade, é quem menos intervem na legislação e governo.

Convimos em que assim é; mas perguntamos de novo: quem é que tem a principal culpa de semelhante estado ds coisas? Por ventura as eleições não se realizam? Quem é o verdadeiro responsavel de que o systema se se falsificasse, de que as eleições sejam uma ficção, de que os legisladores e chamados representantes do povo sejam feitos pelo poder executivo, quando este é que devia ser feito por aquelles?

Sejamos sinceros: a verdadeira culpada de tudo é a nação; os governos não fazem mais do que aproveitar em beneficio proprio e das suas seitas e partidos a abdicção que o povo lhe faz dos seus direitos constitucionaes.

Após estas considerações, não será licito inferir a conclusão de que sam os catholicos a causa do desprezo e guerra ás suas crenças, a que dedicam inuteis gemidos, assim como, noutra ordem, é o povo o verdadeiro auctor das oppressões e vexames de que é victima?

Mas que vida catholica é esta, que se nega, que se guerreia, que se persegue, que se destrói, que se anniquila a si mesma? Para se ser verdadeiro catholico, bastará dizê-lo, bastará ter algum lampejo de fé, que se desmente nas accões mais essenciaes?

Já o dissemos: em Portugal quasi toda a gente tem parte de catholica—se assim se pôde fallar sem offensa do mesmo catholicismo, que é indivisivel e o mesmo para todos e para sempre—; mas devemos acrescentar que semelhante catholicismo de tanta gente é um catholicismo platónico, um catholicismo incompleto, um catholicismo rotina, um catholicismo indigno deste nome, porque é um catholicismo morto um catholicismo sem obras significativas.

E' verdade que nos ultimos annos, apesar da geral somnolencia, se têm revelado—e algumas vezes com energia consoladora—alguns esperancosos signaes de vida: mas que vale isto para a resurreição commum, se o movimento se não generaliza e se as ardentes faiscas produzidas pela accção de alguns poucos heroicos luctadores não logram galvanizar o quasi cadaver da nação catholica?

Oh trabalhemos, trabalhemos todos denodadamente e sem treguas por levantar o nivel religioso entre nós: só dahi é que virá para o pobre Portugal fundadas esperanças de melhores dias.

L. F.

“Olha a quae e não a quantos agradas..”

Públio Syro.

Carta de Vizella

Por linda que uma coisa seja, se nos é dado o seu uso quotidiano, dentro de pouco tempo não lhe apreciamos o merecimento. Que coisa ha mais vulgar e mais grandiosa do que a iluminação do nosso globo pelo sol? Consideramos assim tudo na vida: só damos valor ao que não possuímos todos os dias. Por esta razão achamos o Porto pequeno, ou, antes, não nos satisfaz a ambição descomedida da vida vivermos ali socegradamente um anno completo, sem que, de quando em quando, vamos espaiar da vida monotona que se passa num só logar.

Um dia, portanto, viemos até Vizella. Agora, uma vez que estamos nesta poetica e pequenina terra minhota, digamos alguma coisa do que aqui se passa.

A primeira impressão de quem desembarca, a qualquer hora que não seja de manhã cedo, é de que está num novo clima. O habitante da beira mar não comprehende que a tam pouca distancia o clima mude tam abruptamente: Vizella parece um boceadinho de Africa. O calor é como o da zona torrida e a vegetação é luxuriante como a tropical. Os platanos, as tilias, os encalyptos, attingem no parque uma grandeza descommunal. E' porque a terra é humida e o sol ardente.

Mas deixemos a poesia dos arvoredos e o pictoresco da situação, para passarmos os olhos, ainda que de relance, sobre os coloridos e sombras deste vasto quadro em que se representa a medicinal Vizella. Não sabemos quem nos disse que em Vizella ha tres pragas. Pôdem sê-lo embora, que eu não lho chamarei; o que para uns é fastio, para outros é appetito, e ácerca de gostos não deve haver discussões. Ao que porém ouvimos classificar de pragas, devemos confessar francamente que, se é praga a abundancia, a classificação não está mal feita. Sam ellas calor, brasileiros e moscas! De facto, é impossivel dar-se aqui um passo sem esses tres martyrios atormentando um christão por todos os lados. Antigamente, ou, com mais propriedade, nos annos passados ainda havia uma quarta praga que este anno não, existe em parte: era o pó. A rua Abilio Torres é a avenida da terra; corresponde ao Chiado de Lisboa. Por ella transitam os motocyclos, os automoveis, as carruagens e toda a especie de elegantes. Nella exhibem-se varias companhias de Robertos, os vendedores de elixires dentifricos e de remedios de toda a dor que afflita o mortal corpo humano. Nella acha-se o melhor commercio da terra e o que, á busca de dinheiro, doutras para aqui vem transportado.

Por estas razões era natural que o pó existisse nas devidas proporções, se o deixassem desenvolver á medida dos seus desejos. Mas não aconteceu assim.

Uma pipa de pau, montada num carro apropriado a tal fim, tirada por um só boi, governado por um rapazito e por uma mulher, lá vam por esta fórma, apregoando com o exemplo a economia com que devemos governar a vida—pois nunca vimos nada com menos luxo—regando a rua de alto a baixo, numa velocidade facil de calcular, por ser regulada pelo passo dum boi. Gritam os moradores das outras ruas, e grita um jornal da terra, que o beneficio da pipa se devia estender ás demais ruas da terra, por que todos sam filhos de Deus.

E nós achamos que o que elles sam é filhos da má lingua, pois do contrario saberiam que um só boi, apesar de ter quatro pernas, é improprio para percorrer todas as ruas, pois que o beneficio da rega resultaria esteril.

Quem não tem medo ao pó são meia duzia de batoteiros, que do outro lado da ponte armam á simplicidade dos ingenuos. Nós mesmos por vezes vimos o espectáculo torpe e immundo. Meia duzia de individuos, feitos entre si, arranjam com toda a simplicidade uma *vermelhinha* no meio da estrada. Um lenço dobrado, com as tres cartas de lei em cima, é toda a sala do jogo. Depois, um faz de habilidoso e todos os outros fazem de palermas. Estão com as mãos cheias de notas e discutindo entre si se é ou não possivel ganhar-se. Depois jogam. Os espectadores tentados e que não sabem da póda estão papados. Pois ali pelo entardecer, pela hora a que os aqistas vam dar o seu passeio, lá estão essas mal fadadas companhias aquem e alem, no pó da estrada, tentando contra a bolsa dos incautos. Cremos que isto só acontece em Vizella.

R. L.

“O mau bem succedido é o flagello dos bons..”

Públio Syro.

Conselhos sobre a educação

IX

(Continuação)

A conclusão de tudo o que dito fica, é que os paes nunca ligarão assás importancia á escolha dos mestres que collocam junto de seus filhos. Quanto mais numerosa é a familia, tanto mais tactica e prudencia requer esta escolha. Por isso devem, antes de resolver uma questão tam grave, tomar conselho de homens prudentes e experimentados, e considerar logo o valor moral da pessoa, antes da extensão dos seus conhecimentos; porquanto nem todos os sabios sam homens segundo o coração de Deus, e mais do que um poderia tornar-se pedra de escandalo para os seus discipulos. Feita esta escolha com todo o cuidado que ella requer, o pae de familia deve submeter seus filhos ao preceptor a que os confia, e dar-lhe sobre elles pleno

poder. Guardem-se as mães de tomar partido a favor dos filhos quando estes merecem ser castigados. Esta fraqueza não faria senão deminuir o prestigio do mestre, e prejudicar os filhos que, sentindo-se amparados, tornar-se-hiam logo indocejs.

Os paes não devem nunca intervir entre o filho e o seu mentor, a não ser para apoiar este, sendo necessario. Quando mesmo elles notarem que o mentor estava em culpa, em segredo, e não deante dos filhos, é que convém advertilo das irregularidades que porventura tenha commettido, a fim de que a censura não prejudique a sua auctoridade.

E' absolutamente necessario, para que uma educação produza todos os fructos desejaveis, que os filhos conheçam um perfeito accordo entre aquelles que os guiam. Por isso aconselhamos os paes a concertarem-se secretamente com o preceptor ácerca das medidas que convém adoptar, antes de pedir contas aos filhos da conducta que houverem tido. Para animar a juventude ao bem e ao trabalho, é preciso que ella se convença que paes e mestres lhe ligam uma grande importancia. Um menino que vê seus esforços apreciados e recompensados e tem consciencia da alegria que elles causam, redobrá de boa vontade, ao passo que os castigos que esperam o preguiçoso, e a vista da tristeza que causa a seus paes por sua molleza, o levarão pouco e pouco a vencê-la.

Notaremos tambem que, quanta mais deferencia os paes mostram para com um mestre, mais respeito lhe attrahem de seus filhos. O grande imperador Theodosio havia dado toda a auctoridade sobre os filhos a um sabio chamado Arsenio. Este entendeu dever guardar uma humilde attitude deante dos jovens principes que recebiam as suas lições. Mas o imperador, testemunha do facto, inverteu logo os papeis, e tirando com as suas proprias mãos a seus filhos a purpura imperial, obrigou o seu preceptor a assentar-se emquanto os seus discipulos ficavam de pé a escutá-lo. Que diram dum tal exemplo os paes de familia que, tendo muitas vezes a honra de ter em casa um padre, na qualidade de preceptor, não têm nenhum respeito pela sua dupla dignidade, e o consideram dalgum modo o primeiro servo de seus filhos? Logo, como espantar-se de que jovens, educados em taes principios, sejam tam insolentes como ignorantes?

Se ha paes que não cuidam senão que os filhos façam bons estudos, sem se preoccuparem de lhes formar os corações e de os preservar do mal, ha outros que, sob o pretexto de que elles terão fortuna, desprezam completamente adornar-lhes a intelligencia, e os deixam vegetar na inacção. O' prejuizo tam vergonhoso como funesto! A fortuna pôde acaso supprir as qualidades do espirito e do coração? Que coisa mais invejavel, depois do conhecimento da lei divina e da posse da sabedoria christã, que o desenvolvimento das faculdades intellectuaes e moraes, pela cultura

das letras e pelo estudo das sciencias? Que brilho não accrescentam à nobreza do nascimento a nobreza das ideias e a elevação dos sentimentos? E' o talento que illustra o homem, e não o fasto de que se rodeia. Todo o ser inutil por sua culpa sobrecarrega em vam a terra. Lastima-se que as altas classes já não têm tanta influencia como outrora. Em vez de gemer, trabalhai, paes mundanos: dai a vossos filhos uma educação forte e christã, applicai-os aos sãos e nobres estudos, honrai o trabalho, testemunhai em todo o tempo a vossa estima por aquelles que a isso se dedicam, e tornai vossos filhos aptos para desempenharem altas funções, em lugar de vos limitardes a fazer delles brilhantes cavalheiros. Mas, neste ponto ainda, pregai com o exemplo: ensinai-os a fugir da ociosidade, e por isso mesmo os preservais dos perigos a que ella expõe e dos vícios a que conduz.

Nem todos os paes estão em condições de poder dar um preceptor a seus filhos. Aconselhamos pois aquelles que não podem fazê-lo, que escolham com maior cuidado as escolas onde os collocam. Os collegios da Companhia de Jesus e os estabelecimentos dirigidos por padres e religiosos offerecem a dupla vantagem duma educação christã junta a uma instrução solida, sendo os cursos confiados a professores que não desejam somente cultivar o espirito dos seus alumnos, mas ainda formar-lhes a alma e desenvolver nelles as virtudes que fazem os verdadeiros christãos. Mas a maior parte das creanças tem horror ao só nome de collegio. E' preciso pois que os paes se armem de firmeza para resistir aos seus pedidos, e que, sem se deixarem desviar do fim que deve ser atingido, elles saibam, quando é preciso, afastá-los temporariamente da casa paterna para os pôr no collegio. Todavia, deverão continuar a velar sobre elles e interrogar muitas vezes os mestres para se informarem do procedimento e progressos dos filhos. Ha poucos estudantes que não dêem bom resultado quando paes e mestres se occupam delles com vigilancia.

Havemos somente encarado, no que temos dito, a educação dos filhos, e não accrescentaremos senão uma palavra a respeito das filhas. Quando as mães não podem occupar-se sufficientemente das filhas, aconselhamos a collocá-las em casas religiosas onde serão preservadas da influencia do mundo e onde se procurará desenvolver nellas as verdadeiras e solidas virtudes sem desprezar fazer-lhes adquirir conhecimentos uteis. Podendo os avisos geraes que acabamos de dar applicar-se aos jovens dos dois sexos, terminaremos por um conselho aos proprios mestres para lhes recordar quanto importa combater cedo as más inclinações dos meninos e adolescentes, fazendo-lhes ganhar o mais cedo possível o gosto e o desejo do bem. Esforcem-se pois os preceptores e os directores de estabelecimentos por instruir simultaneamente os seus estudantes na sciencia de Deus e nas sciencias humanas. Não se limitem a ensinar-lhes a grammatica, a rhetorica, a philosophia, etc.; mas ensinem-nos antes de tudo a amar e a servir ao Senhor, porque o temor de Deus é o principio de toda a sabedoria verdadeira. *Timor Domini principium sapientiae.* (Prov. 1, 7).

(Continua.)

"Quem veste a mascara da virtude, é duplamente vicioso."

Públio Syro.

Carta do Porto

Se uma nação é representada pelo seu governo e pela legislação por que se administra, Portugal pôde, sem duvida alguma, ser riscado do mappa das nações, dos povos civilizados.

Mas uma nação não se compõe só dos homens que olham pelo seu futuro, com a indifferença do jogador que, senhor da banca, não liga attenção pela desgraça dos que nella encontram um abysmo. Quem julgar Portugal pelas apparencias e pelo que officialmente se faz facilmente é induzido em erro, porque tomando conhecimento só da parte externa, acontece-lhe como a quem julgasse que um ouriço fechado não podia de fórma alguma encerrar dentro uma ou mais castanhas.

Esta introdução que acabamos de fazer, servia para continuarmos na verberação desse estendal de escandalos que revoltam todas as consciencias rectas e que sam a vergonha de todos os portuguezes honestos que se prezam do seu nome; mas hoje, aqui, tem só por fim protestarmos por escripto—o que a tantas pessoas temos ouvido fazer vocalmente—contra o escandalo da condemnação dum escriptor cheio de dignidade, que, compenetrado da responsabilidade que lhe traria a falta do cumprimento do dever, ouzou lançar num jornal por escripto a sua opinião franca, sincera, leal e justa, ácerca de actos publicos, racional e legalmente sensuráveis, ainda que praticados por pessoas das que presidem aos destinos da nação.

Esse sentenciado deve ter provado o fel das contradicções, mas tambem deve ter saboreado o nectar da justiça e o maná da innocencia: estes manjares só os prova quem, como o sr. Julio Monzó, é victima do cumprimento do seu dever.

O soldado que vai ao campo da batalha em defesa da sua patria, pôde cair fulminado pelas balas do inimigo, mas se morrer, morre honrado; é um valente que cai, dá o corpo a uma força a que não pôde resistir, enquanto a sua alma se ennobrece e o seu nome revive na memoria dos homens justos.

Tratava-se de factos de ordem publica. Havia a grande controversia entre o governo e os homens que defendiam os direitos do povo ou melhor, da justiça. De entre estes, Julio Monzó, escreve um artigo no jornal diário, o *Correio Nacional*, que se publica em Lisboa, um artigo intitulado «Gravissimo» em que chama á responsabilidade dos factos todos quantos para elles concorriam; mas fá-lo cheio de bom senso, bazeado na justiça, distribuindo a quem quer que fosse, do bem e do mal consoante o seu procedimento. Era um artigo nobre. Poucas vezes o jornalista escreve com mais precisão, bom gosto, franqueza e justiça. Pois o governo achou-o offensivo para a Carta Constitucional e para a Corôa. Querrelou-o, e o primeiro tribunal em que foi julgado, achou de justiça a sua condemnação.

Não podemos deixar de crêr, em presença duma sentença dada por tres juizes, que o auctor do «Gravissimo» incorreu nas penas mencionadas na letra da lei, mas o que elle não podia era offender o espirito da mesma lei, a não ser que essa lei seja uma torpeza. Se um dos requisitos da lei, seja ella qual for, é ser para o bem de todos, essa lei não pôde condemnar quem propugna por esse bem. E se a lei assim não está feita, rasguem-a, porque não é digna desse nome. Se offende o seu semelhante quem lhe diz: não sigas esse caminho que leva a mau fim, empurre-o então para a frente para que chegue lá mais cedo.

Se os nossos tribunaes condemnam o sr. Julio Monzó por haver gritado alto e bom som: cumpram todos o seu dever. Façam delles escolas d'immoralidade e absolvam sempre que possam os criminosos que ali lhes appareçam! Dizer ao rei: governe bem, é um crime; dizer-lhe governe mal ou como quiser, deve ser conselho de muita moralidade!

A sentença dada em Lisboa no dia 19 do corrente mês, condemnando o sr. Julio Monzó em 20 dias de cadeia e mais 20 remiveis a 500 reis, pelo motivo de ter escripto, por ventura, o melhor artigo da sua vida jornalística, tem merecido commentarios muito azedos pela parte sã do pais.

Não sam só os catholicos que acham aquillo ridiculo e oppressivo, sam-o tambem muitos homens dignos, amantes da sua patria e da justiça que condemnam o procedimento dos nossos governos e a letra de muitas das nossas leis.

E este mal, que para nós é assustador, porque nos coarcta a liberdade e nos rebaixa no nivel moral dos povos civilizados, é de effeitos ainda mais desastrosos quando somos julgados pela opinião dos estrangeiros que só nos apreciam pelo que officialmente se faz.

Conhecemos alguns factos destes, sabemos como alguns individuos doutras nações falam de nós, e, por isso, podemos francamente affirmar: um tal procedimento aviltanos a nós mesmos e desacredita-nos perante as nações.

R. L.

"Quantas vezes pede misericordia aquelle que a negou!"

Sêneca.

Anecdotas historicas

LXXVIII

Morte de Mazzini.—Não ha espirito reflectido que não haja notado como Deus pune visivelmente os inimigos do Papa. O caso que agora offerecemos aos nossos leitores é mais uma prova dessa especial providencia.

O famoso agitador Mazzini tinha promettido a si mesmo celebrar os funeraes do papado. Afinal veiu a morrer com sessenta e tres annos de idade, a tempo que Pio IX contava os seus oitenta e um. Um periodico de Roma notou curiosas coincidencias a respeito da morte do antigo triumpho.

Mazzini foi ferido de morte no primeiro dia da novena de S. José, de quem elle tinha indignamente o nome; dia, que era o terceiro do triduo solemne em S. Pedro, cujos direitos sagrados elle combatera toda a vida. Morreu na occasião em que ia dirigir-se para Roma, a fim de ahi cumprir a sua obra de maldicção e gozar da sua victoria infernal; e na mesma hora em que Pio IX, prisioneiro dos sectarios de Mazzini, recordava, como inspirado, em presença de escolhida multidão de fies Romanos, o fatal grito de guerra «*Agitai, agitai mais*», com o qual, depois de haver percorrido a Italia e o mundo durante um quarto de seculo, Mazzini se apresentou no juizo de Deus. Debalde os demagogos o exaltaram do modo mais ridiculo: eram sempre verdadeiras as palavras de Santo Agostinho: «*Laudantur ubi non sunt, cruciantur ubi sunt*».

Acaso?...—A seis de setembro de 1871, o engenheiro Morelli, encarregado da direcção dos trabalhos no palacio Beleani, transformado em tribunal de contas, sobe aos andaimes exteriores para vigiar os trabalhos e estimular os trabalhadores, que se não desembaraçavam quanto elle desejava. Fizeram-lhe ver que no dia oito, Natividade da Santissima Virgem, muitos operarios haviam de faltar á chamada, porque tal dia era festa solemne no calendario romano. «Não ha Santissima Virgem que valha», respondeu o engenheiro: «aquelles que se dispensarem do trabalho por semelhante pretexto, serão despedidos para sempre». Mal acabara estas palavras, quando um pé lhe escorrega e o desgraçado cai do terceiro andar. Acodem á roda delle; mas a morte fôra instantanea. Desgraçado! Ham de ter-lhe aproveitado muito os gabos com que a imprensa sectaria acompanhava a sua morte!

F.

"Se é segredo, não o digas a ninguém."

Públio Syro.

SCIENCIA PRATICA

O beijo e a tuberculose

Os beijos na bocca e os maus habitos de segurar lapis e canetas entre os labios e de folhear livros com os dedos humedecidos em saliva podem levar os bacillos dum para outro organismo.

SABINO GOELHO (Lisboa.)

O bacillo da tuberculose fere o organismo por *contagio* e este pode effectuar-se por mil maneiras, em circumstancias variadissimas, que tornam difficil, se não impraticavel, uma prophylaxia certa e efficaç da doença.

Quanto é perigoso um tísico para o *contagio*, avalia-se pelos calculos feitos em relação a doentes, que está assente pôem em liberdade 720 milhões de bacillos por dia, quando expectorem trinta centímetros cubicos de escarros de hora a hora.

Ora, se nem todos estes bacillos, por felicidade nossa, caem em terreno propício á sua vitalidade e desenvolvimento, alguns podem haver e ha, no entanto, que encontram condições favoraveis a uma proliferação activa, determinando a eclosão da doença.

Este facto e ainda a circumstancia de ninguém poder estar seguro de offerecer uma barreira inexpugnável aos ataques incessantes do bacillo, deu lugar, da parte do mundo medico, a uma propaganda activa e energica a respeito das causas da doença e meios de a evitar.

Como resultado desta propaganda derivou a necessidade, para os doentes, de observarem com todo o rigor um certo e determinado regime prophylatico, pelo qual reduzam ao mínimo as probabilidades de contaminação, e para os sãos, a necessidade de se precavarem o melhor possível contra a exportação bacillar dos tísicos. E' por isso que se aconselha o isolamento do tuberculoso e o apartamento e desinfecção de tudo o que pode vehicular o germe da doença (talher, roupa, etc.)

Isto, que afinal de contas é hoje uma noção muito banal em materia de prophylaxia antituberculosa, encontra todavia na pratica serios e

por vezes impossiveis obstaculos, umas vezes porque se trata de doentes que ignoram a natureza do seu padecimento, outras porque a hygiene, por mais que se diga e faça, é na realidade impraticavel numa grande legião de doentes—*os pobres*—, que, como se sabe, constituem a grande maioria dos tuberculizaveis, outras ainda, por desleixo, incuria e quiçá por vícios ou preconceitos inherentes á sociedade e difficéis de expurgar.

Nesta ultima categoria entra a pratica do *beijo*, tal como hoje se realisa entre o sexo elegante, a titulo de cumprimento, em *dose dobrada*, e que afinal é um magnifico processo de transportar bacillos dum para outro organismo.

No entanto, o uso e o bom tom consagraram este cumprimento que, não tendo nada de significativo e elegante, é formalmente condemnado pela hygiene, tanto em materia de tuberculose como noutra qualquer doença infecto-contagiosa.

Uma campanha dirigida contra o *beijo*, como cumprimento de cortesia usado entre as senhoras e ainda para com as creanças, se bem, que nestas, o vicio tende com razão a desaparecer, não deixaria de produzir beneficos resultados, sobretudo se se chegasse ao accôrdo da substituição do beijo pelo banal aperto de mão ou melhor ainda pela simplez reverencia, cortesia seguramente bem mais elegante, graciosa e delicada.

Pensem nisto os interessados; o aviso ahí fica.

(De A Guarda.)

"Mais animoso é quem vence as suas paixões, do que os seus inimigos."

Públio Syro.

CURIOSIDADES

Receitas

Contra as manchas do rosto.—Com os dias de sol forte as pelles mimosas cobrem-se de manchas ruivas, que o seu lindo nome scientifico de *ephelide* não torna mais agradaveis. Quem as quiser fazer desaparecer em poucas semanas, pôde empregar o tratamento que vamos indicar. Manda-se a um pharmaceutico aviar a seguinte mistura: *colloidio*—100 grammas, *sublimado corrosivo*—0,50 grammas. A' noite, ao deitar, applica-se com precaução esta composição ás manchas. De manhã esfrega-se com a pommada do dr. Unna, que tem a seguinte formula: *óxido de bismutho*—10 grammas, *kaolino*—8 grammas; *vaselina*—75 grammas.

Para livrar dos bichos de conta.—Nas lojas humidas não é raro gerarem-se animalculos repugnantes, que vulgarmente se chamam bichos de conta. Um meio muito simplez para os fazer desaparecer seria collocar na loja um ou mais sapos; mas para muitas pessoas o remedio seria mais repugnante do que o proprio mal. Na falta de sapos tomam-se batatas velhas, cortam-se em duas e cavam-se um pouco. Põem-se essas batatas na loja nos logares favoritos dos bichinhos; estes refugiam-se nos tuberculos e assim é facil desinçalos.

Banhos de mar.—Na grande maioria dos casos toda a gente pôde tomar banhos de mar, sem que com isso soffra alguma coisa; com a condição de não to-

A Restauração

mar senão um por dia e de aquecer logo depois do banho com um passeio que provoque uma energica reacção. Quando se tomam dois banhos por dia, ha o perigo de sobrevirem dores de cabeça, se se é arthritico. Em todo o caso o banho nunca deve ser muito prolongado, principalmente para quem não nada. Os arthriticos nada têm que temer com a sua demora á beira do mar, se não se cansarem demais e se não tomarem muitos banhos.

Insolações.—Reconhece-se que uma pessoa foi ferida de insolação, pelos signaes seguintes:—1.º ella é tomada de fraqueza, cai e não se póde levantar; accusa dores na cabeça e no estomago, sensações de calor excessivo na pelle;—2.º perda de conhecimento, respiração molesta e frequente, escuma pela bocca, corpo immovel. Eiz os cuidados que se lhe devem dar: 1.º collocar o doente num lugar fresco, deitado de costas, e despojá-lo de parte dos seus vestidos; 2.º fazer-lhe loções na parte superior do corpo e principalmente no rosto; gelo sobre a cabeça; 3.º sinapismos nos membros inferiores; 4.º fazer respirar vinagre ou saes volateis; 5.º dar-lhe de beber alguns gólos de café levemente alcoolizado. Se o doente está numa estrada pública, deve-se afastar a multidão de curiosos que, formando circulo em volta delle, impedem que lhe chegue ar fresco, de que precisa. Pratica-se a respiração artificial por movimentos de elevação e abaixamento dos membros superiores, ou por tracções rythmadas da lingua.

Fógos de bengala.—Se alguns dos nossos leitores tiver inclinações pyrotechnicas, aqui lhe damos algumas receitas para fabricar fógos de bengala. Fabricam-se comprimindo levemente em cartuxos de cartão uma composição que differe consoante a cor da chamma que se quer obter. Eiz algumas formulas dadas pelo Cosmos:

Branco.—Nitrato de potassa—78 partes, enxofre 18, antimónio 12, rosalgar 6, gomma lacca 1.

Vermelho.—Chlorato de potassa 3 partes, azotato de stroncio 3, gomma lacca 1.

Azul.—Chlorato de potassa 3 partes, azul de montanha 1, enxofre 1.

Amarelo.—Nitrato de soda 6 partes, enxofre 1, serradura de madeira 1.

Verde.—Chlorato de potassa 45, enxofre 25, azotato de baryo 60, limalha de cobre 5, chloreto mercurioso, 1,5.

Violeta.—Chloreto de potassa 42 partes, enxofre 28, azotato de stroncio 18, carbonato de cobre (verde) 4, chloreto mercurioso 3. Todos estes productos sam perigosos a preparar por causa da facilidade com que os componentes tomam fogo espontaneamente. Só se devem empregar productos puros, principalmente com o chlorato de potassa.

Travesseiros cheios de palha de aveia.—Está averignado que os travesseiros cheios de palha de aveia sam preferiveis aos de pennas ou crina para as pessoas achacadas ás dores de cabeça.

Nodoas de acidos.—Para tirar estas nodoas, que algumas vezes roem as cores, basta lavar o lugar manchado em amoniac liquido, que neutraliza os effeitos do acido, depois do que uma applicação de chloroformio restaurará quasi sempre a cor desaparecida.

“Nenhumas subtilizas da metaphysica lograrám fazer-me duvidar um só instante da immortalidade da alma: eu sinto-a em mim, creio nella, espero-a, desejo-a e defendê-la-hei até ao último suspiro.”

Rousseau.

NOTICIARIO

EXPEDIENTE

Tendo adocido nos últimos dias da penultima semana o proprietario da Typ. Minerva Vimaranesse não lhe foi possível des-empenhar-se da missão que exerce na redacção deste semanario, forçando-nos este facto a não publicarmos **A Restauração** na última quinta-feira.

Embora subsistam ainda os motivos que deram causa áquella irregularidade, esperamos que Deus nos fará a alta mercê de não permittir que taes faltas se repitam, embora com isso nada percam materialmente os nossos bondosos assignantes.

Senhora da Lapi- nha.—No proximo domingo, 3o do corrente, deve vir a esta cidade, em procissão, a milagrosa imagem de Nossa Senhora da Lapi- nha, correndo as despesas desta procissão a expensas de um devoto que ha pouco regressou da republica do Brazil.

Collegio da Santis- sima Trindade.—Com um programma de veras attrahe- nte e uma concorrência selecta e numerosa, realizou-se ante-hon- tem, pelas 10 horas da manhã, no Collegio da Santissima Trindade, desta cidade, a solemne distribu- ção de premios aos alumnos que mais se distinguiram, durante o anno lectivo findo, em procedi- mento correcto, em instrucção reli- giosa, em sciencias, letras e bel- las artes.

Presidiu á sessão o ex.^{mo} Con- selheiro Dom Prior Manuel de Albuquerque, produzindo um belo discurso allusivo ao acto.

A orchestra, que era composta de alumnos do collegio, sob a regencia do snr. J. Ramos, execu- tou com mimo e correcção todos os numeros do programma.

A parte recitativa foi executada tambem por alguns dos alumnos, que se houveram magnificamente.

Indiscutivelmente e sem lisonja o Collegio da Santissima Trinda- de é um estabelecimento de in- strucção dos primeiros do pais, possuindo elementos da primeira ordem no seu professorado.

Cadastros de des- obriga, em papel de linho de 1.^a qualidade, feitos pelo melhor modelo conhecido, encontram-se á venda na Typographia Minerva Vimaranesse, rua de Payo Galvão, em frente á praça do mer- cado.

Lista de jurados.— Já se acha affixada no atrio do edificio dos Paços do Concelho desta cidade a lista dos cidadãos recenseados para jurados no cor- rente anno.

Qualquer cidadão que queira e possa reclamar contra a sua inclusão ou exclusão indevida deve fazê-lo dentro do praso de 8 dias, que começou a correr em 25 do corrente.

Aviso aos interessados.

Juramento.—Perante o snr. procurador regio junto do Tribunal da Relação do Porto prestou juramento na penultima terça-feira o snr. dr. Gonsalo Mon- teiro de Meira, ajudante do con- servador privativo do registro pre- dial na comarca de Méda.

Inspecções milita- res.—A junta para as inspec- ções militares em Guimarães é constituída pelos seguintes officiaes: presidente, major Nogueira Soares, commandante do districto n.º 20; secretario, tenente do mes- mo regimento snr. Antonio In- fante; vogaes, capitão-medico snr. dr. José Maria de Moura Macha- do e capitão snr. Antonio A. Fer- reira Braga, ambos de infantaria 20.

Lembrança da 1.^a communhão—Na Typo- graphia Minerva Vimaranesse, á rua de Payo Galvão, encontram- se á venda lindas estampas colo- ridas, proprias para lembranças da primeira communhão não só para meninas, como tambem pa- ra meninos.

As mais pequenas, que medem 0^m,07 x 0^m,12, vendem-se avulso ao preço de 20 reis.

Quando as encomendas se- jam avultadas fazem-se preços muito economicos.

Premios a professo- res primarios.—Foi posta á disposição do ministerio do rei- no (dircção geral de instrucção publica) a quantia de 6:000:000 reis para premios a conceder aos professores primarios em relação ao anno de 1903-1904.

Instrucção secun- daria.—No proximo anno lec- tivo de 1905-1906 continuarám em vigor nos lyceus e demais es- tabelecimentos de ensino secun- dario os livros officialmente ap- provados que têm sido adoptados nos últimos annos.

Acto.—Fez acto do 4.º anno theologico na Universidade de Coimbra, ficando approvedo *ne- mine discrepante*, o snr. João Ro- cha dos Santos, sobrinho do snr. Thomaz Pedro da Rocha.

Parabens.

Achado.—Em Vizella foi achada ha dias, pelo sapateiro Jo- sé Correia, uma carteira contendo 300000 reis em dinheiro, a qual, se dentro do praso determinado por lei não fôr reclamada por seu legitimo dono, ficará pertencendo ao achador, conformê o disposto no art. 419 e seus §§ do Codigo Civil.

Preços dos cereaes.—No mercado da última semana os cereaes venderam-se nesta ci- dade pelos seguintes preços:

Trigo	15000
Centeio	600
Milho alvo	850
Milho branco	760
Milho amarello	680
Feijão vermelho	15200
Feijão branco	15150
Feijão amarello	15050
Feijão rajado	850
Feijão fradinho	800

Bilhetes postaes, il- lustrados com o retrato do Santo Padre Pio X e vista do palacio e praça do Vaticano. Impressão li- thographica a tres tintas, em car- tão couché.

Vendem-se, a 10 réis cada um, na Typographia Minerva Vimaranesse, rua de Payo Galvão. Remettem-se pelo correio a quem enviar a importancia em estampilhas e mais 5 reis para porte por cada cinco exemplares.

LITTERATURA

O Marquês de Pombal (1)

Foi crucificada a Companhia de Je- sus—*Consummatum est!* Tal é a obra dos homens.—Porém,—*Resurrexit si- cut dixit*,—tal será a obra de Deus.

Uma ideia não se póde assassinar com um punhal nem com um texto de lei. Pouco ou nada importa que o de- creto esteja sellado com tres nomes co- mo o sepulchro de Jesus Christo com os sellos da Synagoga: a invencível justi- çã, no dia proximo da ressurreição, os quebrará. Os odios, como os cadáveres, cáem em putrefacção, e os systemas morrem com os partidos.—Só a eterna Verdade resuscita, illumina e recon- quista o mundo.

Muito pequenos e mesquinhos sam os nossos politicos de hoje; contra os jesuitas, muitos outros ministros, gran- des pelo genio e poderosos pelo terror, se manifestaram. Estes inspiravam, ao menos, grande espanto e aversão; aque- les sam tristes e simplesmente dignos de compaixão.

Em pleno seculo XVIII formou-se sob a cimeira de Braganças—um ho- mem de Estado. Chamou-se, um dia, com todos estes nomes: D. Sebastião de Carvalho e Mello, conde de Oeiras, marquês de Pombal e doutor da Uni- versidade.

Educado com as doutrinas philoso- phicas anglo-francesas, cruel, ávido, or- gulhoso, colerico e vingativo, teve uma vontade de aço para tramar e uma mão de ferro para executar. Isto, junto a um poder illimitado, tornou-o um despota inflexivel sem medo e sem re- morsos.

Em 1730 era elle enviado extraordi- nario em Londres; em 1745, plenipo- tenciario em Vienna; em 1750, ministro dos negocios estrangeiros e da guerra; em 1756, conde de Oeiras e primeiro ministro de S. Magestade D. José I de Bragança; finalmente, em 1770, por um real decreto, marquês de Pombal.

Quando se sobe a esta ultima nas espheras do mal é para cair mais pro- fundamente no sangue e na lama.

Ministro de D. José I, Pombal im- punha a sua vontade ao seu soberano, tam pobre de intelligencia quam fraco de espirito. Este rei de Portugal e do Brazil era apenas um homem sem energia e sem moral. Que lhe importava o governo do seu reino, comtanto que pudesse conduzir no Tejo um barco theatralmente empavesado, cheio de musicos e de alegres e folgazãs convi- vas? Vivia defendido pelas muralhas e engolphado nos prazeres e galanteios em seu palacio de Alcantara.

Reinava, pois, Pombal. Para pôr em execução os dramas sanguinolentos que premeditára, come- çou por desterrar alguns descendentes de certos mercadores que tinham ousado dirigir ao rei um memorial con- tra certas medidas ruinsas do «grande marquês», como o denominavam.

(1) Num tempo em que o Marquês de Pombal é tam fallado, principalmen- te pelas varias especies jacobinas que infestam o pais, não nos parece fora de proposito transcrever para aqui este artigo, ha annos publicado por um periodico francês.

N. da R.

Póde, finalmente, emprehender a sua grande obra: a destruição da Com- panhia de Jesus.

Em França, M. de Grammont per- guntava ao embaixador de Hespanha, rindo-se (naquella epocha e naquella corte riam-se de tudo) se o grande mi- nistro do pequeno pais tinha sempre o seu jesuita escarranchado no nariz.

Quaes eram, pois, os motivos deste velho e tragico odio?

As suas necessidades doutrora aos pés desta Ordem, onde mandara edu- car o seu segundo filho; a influencia espiritual dos Jesuitas na corte de Por- tugal; o seu poder material e moral no Uruguay e no Paraguay, e mais que tu- do, os seus sonhos de importar o pro- testantismo: eis os motivos.

Era preciso, porém, um pretexto.

Uma senhora assás bella e nobre para ser dama de uma Bragança, D. The- reza, marquês de Tavora, e dous tiros de pistola atirados sobre o rei, em re- compensa de esta tam boa fortuna, em alguma rua sombria. Os Jesuitas teriam sem duvida carregado a pistola: eis o pretexto.

D. José I não saia mais do seu pa- lacio.

Mas do seu palacio saíram primei- ramente em uma noite por surpresa, esquadras de arcabuzeiros e nuvens de soldados que cercaram as casas, colle- gios e residencias dos Jesuitas—e pedi- ram em massa os padres e os professo- res.

Saiu depois um decreto de expul- são:

«Todos os Jesuitas existentes no «pais, sujeitos á corôa de Portugal sam «declarados traidores, rebeldes, aggres- «sões do rei e inimigos do Estado».

Seriam punidos de morte todos os Jesuitas que puzessem o pé em Portu- gal.

A'vante!—O fogo e a inquisição, composta e amestrada *ad usum!*

O padre Malagrida—um santo—foi conduzido a este tribunal dos autos de fé, e de lá saiu com uma ridicula mi- tra na cabeça e revestido de um *sambenito* com chammas e diabos vermelhos pintados. Amordaçado depois, foi es- tranguelado por clemencia e queimado por ferocidade.

Bravo, marquês de Pombal!

O santo, no momento da morte, perdoou ao seu carrasco: eiz o seu pro- testo. Os Jesuitas, á imitação do seu divino Mestre, sobre a cruz, não protes- tam de outra fôrma.

A'vante—a deportação!

Para serem embarcados no Porto e lançados nas costas de Italia, amontoa- ram em dous navios suecos mais de trezentos Jesuitas, na maior parte, alumnos do Collegio de Coimbra.

Foram conduzidos ao navio, sempre de noite, ao clarão de archotes e en- tre duas alas de dragões; e para não despertar os adormecidos e fieis subdi- tos do rei D. José de Bragança, tiraram os guisos das arreatas das cavalgadu- ras.

No fundo do porão, sem provisões, muitos destes desgraçados morreram durante a viagem. Bravo, bravo mar- quês de Pombal!

A'vante—a prisão!—A affluencia dos Jesuitas era tal que aquellos que não puderam ser embarcados, foram con- duzidos á prisão como salteadores e as- sassinos.

A torre de S. Julião em Lisboa e as prisões de Almeida, em seu mudo hor- ror, muito bem sabem quaes as tortu- ras e o numero dos prisioneiros.

Na torre de S. Julião, desciam aos *in pace* por vinte tres degraus perdidos nas trevas de lugubres corredores. Ao fundo destas masmorras, apenas che- gava o ladrar continuo dos cães, e o prolongado rufo dos tambores. Nestes poços, a agua corria pelas escadas e in- filtrava-se pelas abobadas; o solo era um lago funebre, e a erva crescia pelas paredes viscosas.

Na obscuridade pullulavam ratos estaiados e na humidade formigavam os vermes.

Sem ar, sem luz, em uma atmosphe- ra mephitica, os prisioneiros em hora fixa comiam um pequeno pedaço de pão, entre os cânos das espingardas e as pontas das baionetas. Uma plancha embebida na agua lhes servia de leito, e o breviario, cujas imagens e paginas em branco tiveram o cuidado de arran- car e rasgar, lhes servia de travesseiro, e a roupa em farrapos lhes apodrecia no corpo. Bravo, bravo marquês de Pombal!

Assim teve o marquês de Pombal as suas 9:640 victimas, das quaes 4:000 pereceram de morte violenta.

Os martyres escreviam na sua pri- são quando podiam, cartas admiraveis, de mansidão e de perdão. Eiz as mal- dições dos Jesuitas!

O rei, graças ao seu primeiro mi- nistro, vivia cercado de atmosphe- ra de sangue, de lagrimas e de terror.

Pombal dependia da vida do rei, esta vida era todo o seu poder.

(Conclue).

IMITAÇÃO DE CHRISTO

Novissima edição

Confrontada com o texto latino e ampliada com notas
POR
Monsenhor MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada
pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio, Bispo do Porto

PREÇOS

Em percalina 300 reis
Em carneira com folhas-douradas 500 »
Em chagrin-douradas 1.000 »

Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia
devem ser dirigidos ao editor **José Fructuoso da Fonseca,** RUA DA PICARIA—PORTO.

Em GUIMARÃES vende-se em casa do snr. **Manuel Joaquim de Oliveira Bastos.**

DICCIONARIO APOLOGETICO DA FÉ CATHOLICA

Em que se contém as principaes provas
da verdade da religião e as respostas ás
objecções tiradas das sciencias humanas

POR
J. B. JAUGEY

Presbytero e doutor em Theologia

Com a collaboração de grande numero de sabios catholicos

TRADUZIDO DA 3.^a EDIÇÃO FRANCESA

POR
GOMES DOS SANTOS

Redactor do "Correio Nacional,"

Com auctorização do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. Antonio, Bispo do Porto

Assigna-se no escriptorio do editor Antonio
Dourado, rua das Flores, 42, 1.^o—Porto.

As Terras de Valdovés

MEMORIAS HISTORICAS E DESCRIPTIVAS
DO

CONCELHO DOS ARCOS DE VAL DE VEZ
POR

José Candido Gomes

ESTA interessante publicação, que está saindo das officinas da TYP. MINERVA
VIMARANENSE, de Guimarães, é uma compilação vasta de tudo o que
seu auctor pôde apurar relativamente a este concelho.

A sua regular publicação é uma empresa arrojada de muito trabalho e poucos inter-
esses. Corresponde, além d'isso, a uma necessidade imperiosa, qual é a de reunir com
methodo e concisão todas as noticias historicas, corographicas, estatisticas, biographi-
cas, archeologicas, heraldicas e genealogicas, dispersas pelos archivos publicos e par-
ticulares e pelas publicações especiaes.

E' trabalho unico em todo o país pela vastidão que o auctor lhe deu.

Acham-se publicados os cinco primeiros volumes

A obra constará de 10 volumes pelo menos.

Condições de publicação. — Todos os cavalheiros que aceitaram o 1.^o volume com
declaração de assignatura receberão a obra toda á razão de 200 réis cada volume
nesta villa, e mais 50 réis fóra d'ella, quando a cobrança seja feita pelo correio.

O volume avulso 500 réis.

Recebem-se ainda assignaturas pagando os dois primeiros volumes á razão de
500 réis.

Assigna-se e vende-se na

Pap. e Typ. Minerva Vimaranense
Rua de Payo Galvão—Guimarães

e em casa do auctor, no Logar de Valverde—ARCOS DE VAL DE VEZ

O Divorcio

Refutação historica, juridica e philoso-
phica dum projecto desastrado dum de-
putado infeliz, pelo antigo redactor da
Ordem e professor de sciencias ecclie-
siasticas no Seminario de Lamego

Mgr. ALMEIDA SILVANO

Preço da obra 500 reis. Pelo
correio accresce o porte de 30
reis.

Vende-se:

No Porto — Livraria Popular
Portuense, largo dos Loyos, 44,
e na Chapelaria Costa Braga, rua
de Santo Antonio.

Em Braga—Livraria Escolar, e
na redacção do *Commercio do Mi-
nho*.

Os pedidos feitos a esta redac-
ção promptamente seram tambem
satisfeitos, quando acompanhados
da respectiva importancia.

SYNOPSIS

DA THEOLOGIA MORAL

PELO PRESBYTERO

João Evangelista de Lima Vidal

Doutor em theologia

APPROVADA PELO
SNR. BISPO CONDE

2 vol. 1\$200

Livraria França Amado, editor—
COIMBRA.

Os Centros Nacionaes

PELO

DOM FRIOR

Manoel d'Albuquerque

Vende-se esta obra em casa do sr. Manuel
Joaquim d'Oliveira Bastos—R. de Payo Galvão.

Preço 300 réis.

ACABA DE SE PUBLICAR

NOVO COMPENDIO

DE

HISTORIA UNIVERSAL

Contendo a historia antiga,
da idade media,
moderna e contemporanea

PELO

PADRE ANTONIO MANUEL DOS RAMOS

Professor
do Seminario dos Carvalhos

2 volumes. 1\$500 reis

Deposito geral: LIVRARIA
PORTUENSE de Lopes & C.^a,
rua do Almada, 119 a 123 —
Porto.

Curso de Economia Social

PELO

R. P. Ch. Antoine, S. J.

LENTE CATHEDRATICO NA UNIVERSIDADE CATHOLICA DE ANGERS

Vertida em portuguez

PELO

Presbytero Miguel Ferreira de Almeida

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basilica do Lo-
reto com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Se-
cretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal,
Condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.^a classe "pro Ecclesia et Pon-
tificie" e redactor da "Revista Catholica."

E' por todos sabida a importancia ca-
da vez mais extraordinaria da grande e
espantosa questão social, que, desde ha
muitos annos, absorve as attentões dos
governos, tanto das nações mais humildes,
como das de primeira ordem.

A esta questão prendem-se os mais al-
tos interesses, não só politicos, economi-
cos e sociaes, mas até mesmo religiosos.

Sam bem sabidos os esforços que Leão
XIII empregou, durante o seu longo pon-
tificado, para dar-lhe uma solução harmo-
nica com os direitos da justiça e da cari-
dade.

Quantas e quantas vezes não só nas
Encyclicas memoraveis, mas tambem nos
seus discursos e allocuções, se occupou
desta questão gravissima, inquestionavel-
mente a primeira de todas as que absor-
vem a attenção da Igreja e dos Estados?

E, todavia, em Portugal, só desde ha
tem poucos annos é que a imprensa se
bem della occupado, e pouco, bem pouco,
na verdade, se tem escripto sobre esta
grandiosa questão, de todas a mais can-
dente e monumental.

Desde ha muito que andavamos pre-
meditando a publicação duma obra em que
ella fosse tratada scientifica e magistral-
mente, em toda a sua profundeza e rami-
ficações multiplices.

Tinhamos conhecimento de várias
obras, mais ou menos volumosas, mas bem
poucas nos satisfaziam completamente.
Umam eram nimiamente resumidas, e isto
o maximo número, outras nimiamente vo-
luminosas. E assim nos achavamos embara-
çados na escolha.

Nó meio da nossa indecisão escreve-
mos a um nosso douto amigo de Roma,
que vive no meio sabio daquela cidade,
para que, depois de ouvir a opinião de
pessoas competentes, nos indicasse a que
melhor conviria ao nosso meio.

E este nosso doutissimo amigo aconsel-
hou-nos a traducção em portuguez do
Curso de Economia Social, do R. P. Ch.
Antoine, S. J., lente cathedratico da Uni-
versidade catholica de Angers.

Lemos com vagar esta douta obra, e,
quanto mais lemos, mais nos convencemos
da optima preferéncia que, entre todas
lhe deu o nosso amigo de Roma.

Ella é o fructo das lucubrções do don-
to cathedratico da Universidade catholi-
ca de Angers, o qual, encarregado de en-
sinar a complicadissima e vasta sciencia
de economia social, conseguiu reduzi-la ao
methodo scientifico, com grande proveito
dos academicos.

O plano da obra, apesar de não muito
volumosa, é vasto, as materias apresen-
tam-se methodicamente coordenadas, e,
apesar de scientifica no seu fundo, é cla-
ra, essencialmente pratica, que é o que
mais importa.

Derrama jorros de luz sobre todas as
questões multiplices que dizem respeito a
economia social, que hoje apresenta um
aspecto todo diferente do que era nos
tempos passados, em razão da revolução
immensa que os machuismos modernos
vieram introduzir nas industrias, no como
mercio, e no meio social.

Numa palavra, esta obra não é sòmente
util, mas de absoluta necessidade para
todas as pessoas illustradas, seja qual for
a sua profissão; o rev. clero e os catholi-
cos precisam de estudá-la para saber a
orientação que devem seguir no meio do
labyrintho de opiniões encontradas, e mu-
ltas dellas falsas, de que o socialismo e
anarchismo faz larga propaganda.

A razão que nos leva a dar publicida-
de a esta obra monumental, que será cui-
dadosamente revista, é a certeza de que
prestamos um valiosissimo serviço, não só
á Igreja, mas á propria sociedade civil,
que tanto precisa ser elucidada sobre a
questão capital que a todos interessa.

Se nos fosse licito, especialissima re-
commendação fariamos della aos Semina-
rios, onde o ensino da economia social se
torna duma urgencia summa, attentas as
circunstancias do nosso tempo. Para tex-
to não se encontrará compendio mais nas
condições, a que nada falta nem o metho-
do nem a clareza nem a substancia.

Condições da assignatura

Esta obra constará de dois volumes, magnificamente impressos
em bom papel e distribuidos ás cadernetas de 80 paginas pelo preço
de **160 réis**, pagos no acto da entrega.

Todas as pessoas que angariarem 10 assignaturas e se responsa-
bilisarem pelo seu pagamento, têm direito a um exemplar gratis; an-
gariando 15, dois.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Alfredo Paes Pereira
dos Santos, administrador da Empresa da *Revista Catholica* — Vizeu.

PEDRO SCAVINI

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

Edição unica e completa em Portugal

Está já completo o 1.^o volume da segunda edição portu-
guesa da importantissima obra de Scavini

THEOLOGIA MORAL UNIVERSAL

revista e augmentada sobre a decima sexta e ultima edição la-
tina, pelo Conego J. M. Rito e Cunha, professor de sciencias
ecclieasticas no seminario de Vizeu.

Um grosso volume de 854 paginas, com o retrato do au-
ctor, brochado, 2\$000 reis.

Continúa aberta a assignatura por cadernetas ou volumes.
Pedidos ao editor e proprietario

José Maria de Almeida

Rua de Grão-Vasco—VIZEU